

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 18 | N. 30 | 2013

CURTA NOSSA
PÁGINA

**Caravaggio, Rammstein
e Madonna**

Ticiano Paludo

P.79

**Hipermodernidade, sociabilidade
e tecnologias digitais**

Erika Oikawa

P.89

**Manifestações e mídias
alternativas**

Antonio Brasil e Samira Moratti Frazão

P.127

Memória e emoção nos circuitos cerebrais: Entrevista com Ivan Izquierdo

*Memory and emotion in brain
circuits: Interview with Ivan Izquierdo*

Aline Bianchini¹ 

Erika Oikawa² 



ENTREVISTA

Ivan Izquierdo é médico e doutor em Medicina pela Universidade de Buenos Aires. Pioneiro no estudo da neurobiologia da memória e do aprendizado, é, atualmente, professor titular de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e coordenador do Centro de Memória e do Instituto do Cérebro, na mesma universidade.

Izquierdo concedeu entrevista à equipe da *Sessões do Imaginário*, dando continuidade ao tema da palestra *Interações presentes e futuras de nosso cérebro com máquinas informáticas*, proferida no XII Seminário Internacional da Comunicação, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS em novembro de 2013.

Sessões do Imaginário – Conforme sua palestra, cada vez que recordamos de algo do passado, à luz do presente, nosso cérebro atualiza essa lembrança, modificando nossa relação com esse fato. A partir do momento em que temos a nosso dispor tecnologias digitais que permitem realizar edições, montagens e manipulações de dados, já não estaríamos, de certa forma, editando nossas memórias?

Ivan Izquierdo – É importante lembrar que nosso cérebro faz tudo isso também. O cérebro, cada vez que revisa uma memória antiga, pode acrescentar informação onde tu quiseres. Parte da função da memória é isso: é evocação. Não podemos pensar nisso como um fenômeno passivo, como se tirássemos um livro da estante. É como se reescrevêssemos o livro.

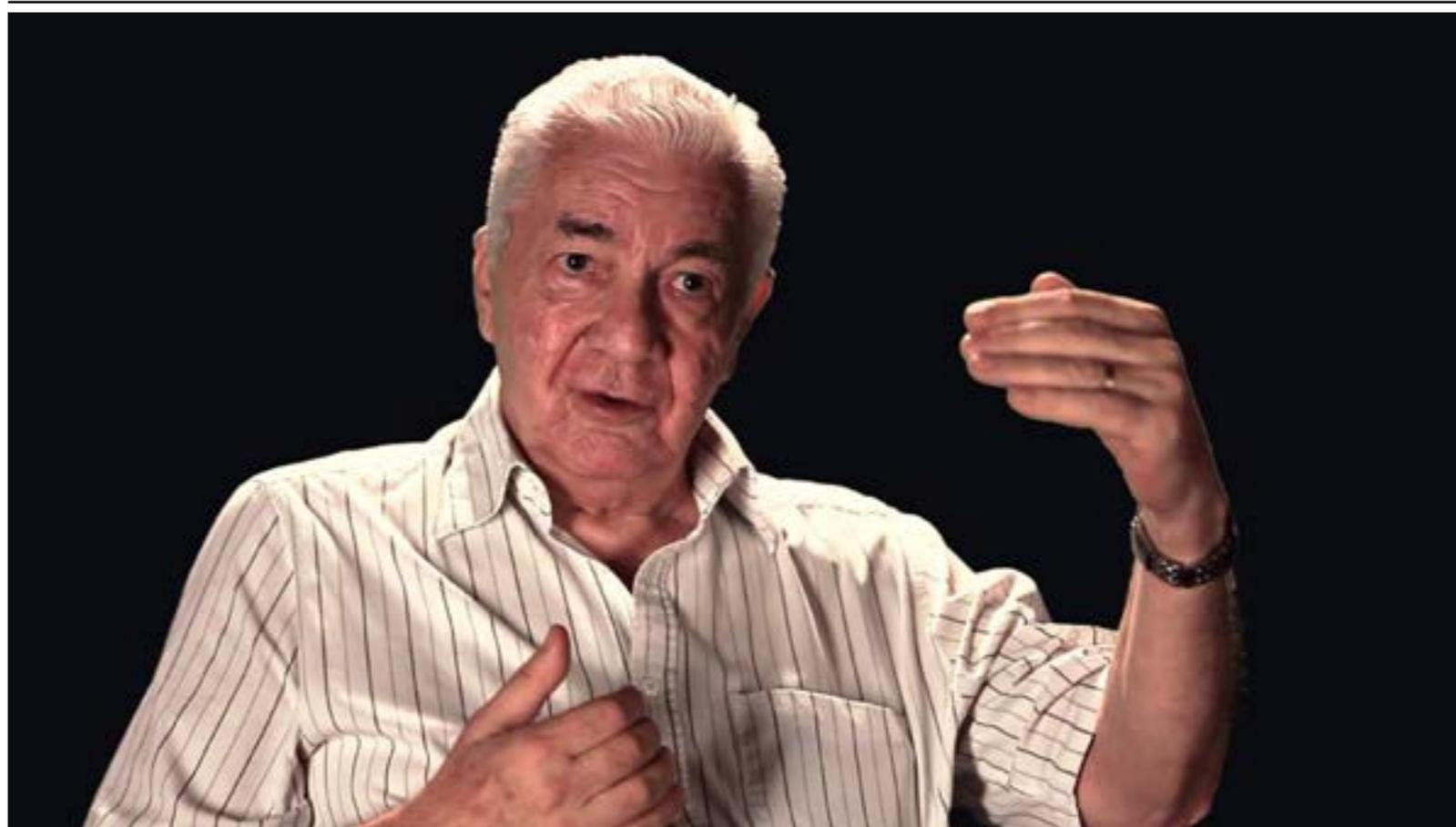


SI – A enorme quantidade de informação que se tem hoje pode prejudicar, de alguma forma, a memória?

II – Hoje em dia se fala muito da enormidade de informação que recebemos. Nos anos 1920, o fundador da neurociência – um espanhol chamado Santiago Ramón y Cajal, que estudou toda a neuroanatomia do homem e vertebrados – escreveu um livro magnífico, chamado *O mundo visto aos 80 anos*. Ele acabara de completar 80 anos e dizia que esse “mundo novo”, no início do século passado, causava-lhe enorme surpresa e muito temor. Surpresa porque nunca pensou que se poderia viver com tanta informação e exposição; e temor pela excessiva quantidade de informação. Ele se queixava do rádio do vizinho, da banda que marchava... Essa preocupação pelo excesso de informação é um pouco da preguiça natural do cérebro como órgão. O cérebro, como todos, quer trabalhar o menos possível. O cérebro também não quer fazer muito mais do que faz, mas tem que fazer. Hoje em dia, temos que fazer muito mais do que na época de Cajal, então, o cérebro acaba fazendo.

SI – Isso, de alguma forma, prejudica nossa retenção de informação ou o processo de aprendizagem?

II – Não, pelo contrário, ajuda o processo de aprendizagem. Por exemplo, já ouvi dizer que o *Google* prejudica a memória porque tudo que precisamos fazer é apertar um botão. Na verdade, o *Google* é bom porque tenho a informação ao meu alcance de forma mais rápida, não tenho que pensar em que livro tenho que pesquisar. Vou ali, aperto um botão e já estou com a informação na mão. Isso só facilita o processo. Aprender línguas, por exemplo, nunca foi mais fácil do que agora.



SI – Hoje, fala-se muito que as gerações mais novas são multitarefas. O cérebro é capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo?

II – A velha geração também é multitarefas, vivemos em um mundo multitarefas. Quanto ao cérebro, ele faz as coisas, na verdade, em sequência muito rápida. Parece que são ao mesmo tempo, mas não são. A maiúscula e a minúscula são processadas uma depois da outra, mas parece que estão juntas, estando perto uma da outra.

SI – No cinema, há muito tempo vemos filmes com argumentos que exploram a possibilidade de apagar certas memórias, a fim de evitar o sofrimento. Um exemplo é o filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*. Isso é possível?

II – Tudo isso, de momento, é mentira. É impossível porque todas as memórias estão imbricadas umas nas outras. Todas estão juntas, justapostas, então é impossível tirar uma delas sem cortar um “pedaço da



outra". Então, eu não posso retirar a memória de uma mulher que não quero mais ver na vida, não posso apagá-la, como sugere este filme. Se o fizesse, também apagaria a memória de uma tia dela a quem devo dinheiro. E, um tio dela, do qual comprei um carro. Então, é impossível fazer isso. As memórias não são como livros na biblioteca, colocados um ao lado do outro, de forma linear. A memória não é linear.

SI – Muitas metáforas computacionais têm sido utilizadas para explicar e entender a memória e o cérebro humanos. Muitas vezes, essas comparações acabam por refletir no entendimento do ser humano como se fosse uma máquina. Como o senhor vê esse tipo de comparação?

II – De certa forma é uma verdade. Mas, no fundo, é uma mentira. Não somos máquinas. Temos emoções o tempo todo. Não existe nenhum momento sem emoções e todas as nossas memórias são adquiridas e/ou evocadas contra/sobre alguma emoção. Além disso, as memórias que melhor gravamos são aquelas que vêm acompanhadas com um grande alerta emocional – o que já foi muito bem demonstrado por vários autores americanos e pela minha própria pesquisa. Por exemplo, quando morreu Ayrton Senna, eu estava na cozinha da minha casa, com a minha mulher, um filho e um neto. Estavam os três junto ao televisor, nunca vou esquecer. Da tarde anterior a isso, ou da manhã seguinte, não lembro nada. Nada teve tanta importância, nada teve um alerta emocional maior. Todo mudo lembra quem foi no seu casamento, o que sentiu quando nasceu seu primeiro filho... Mas pouca gente lembra onde estava quando seu time ganhou o

primeiro campeonato de 1944. Pode até lembrar por um tempo, mas depois de muitos anos isso se perde, pois não era tão importante. Então, a memória se revela mais quanto mais emocionais são os momentos em que ela é adquirida. Às vezes, a emoção pode atrapalhar a evocação de uma memória, mas, definitivamente, ajuda na aquisição ou formação de uma memória.

Notas

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619-900, Porto Alegre – RS, Brasil). E-mail: li.bianchini@gmail.com

2. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7, Sala 319, CEP: 90619-900, Porto Alegre – RS, Brasil). Bolsista CAPES/FAPERGS. E-mail: